



Nota oficiosa da C.G.T. sobre o 1.º de Maio e as reclamações operárias

A data do 1.º de Maio, comemorando um facto sangrento da história do proletariado caracterizado pela luta exercida no terreno da ação directa pela conquista da jornada de 8 horas, deve revestir para os trabalhadores portugueses, na actual emergência, não apenas um carácter de protesto, mas de reclamações.

As comemorações dos anos anteriores, tendo tido certo aspecto de energia, pouco têm tido de mera manifestação revolucionária verbal, tendo assim aproveitado só a propaganda e a manutenção mais ou menos feliz do espírito de resistência das massas organizadas em face do patronato e do Estado.

Sendo muito, não é, entretanto, tudo quanto necessita o proletariado para manter situações criadas por regalias que, fora desta data e à custa de ingentes esforços, tem conquistado.

Está neste caso o horário de trabalho, as 8 horas e as percentagens dos salários conquistados como aumentos determinados pelo custo elevado da vida material.

Verifica-se que se o horário vem sendo considerado leitura morta para o patronato, o salário vai sendo também por ele menosprezado, posto que vem sendo baixado consideravelmente em quase todas, senão mesmo em todas as indústrias, na agricultura e no comércio.

A C.G.T. tem já, por vezes, agitado estas questões e o próprio congresso de Santarém tomou sobre as mesmas as decisões que ao proletariado conviria ter posto em prática.

Por razões que para o caso não vêm, só muito poucos organismos se têm interessado por aqueles assuntos, e assim verificase o decrescimento dos salários a par dum sensível aumento na jornada de trabalho diária.

As conhecidas razões da crise não constituem motivos suficientes que forcem a observância de tais fenômenos.

Não se tendo operado um sensível decrescimento no custo da vida, não tem explicação plausível, dentro mesmo dos quadros burgueses, o decrescimento dos preços de mão de obra.

Por outro lado, se existe crise não pode esta determinar um acréscimo de horas de trabalho.

Constata-se simplesmente uma perturbação artificial que, podendo ter origem na crise económica do capitalismo mundial e nacional, só tem explicação nas manobras patronais destinadas:

a) a provocar o desemprego, com o fim de cercar regalias conquistadas;

b) a desmoralizar o proletariado, organizado para lhe anular a possibilidade de resistência e de revindicação colectivas;

c) a provocar o seu depauperamento físico por um alargamento das suas condições de miséria, a fim de lhe amortecer as energias vitais e desenvolver-lhe o espírito de servilismo escravido.

** * *
A C.G.T., considerando que neste, como nos anos anteriores, a data do 1.º de Maio deve revestir um carácter de protesto contra o capitalismo, entende que, para corresponder ao espírito das decisões de Santarém, ela deve caracterizar-se sobretudo pelo iniciodum movimento geral do proletariado nacional contra a redução de salários e pela reclamação do horário de 6 horas.

Está provado que as pequenas medidas de circunstância, já reclamadas ao Governo e às Câmaras Municipais sobre os melhoramentos de certos serviços públicos, e destinadas a atenuar os efeitos do chômage, não são tomadas em consideração alguma por aquelas entidades, por estarem presas aos interesses da campanha ou aos interesses das empresas capitalistas.

Nas lutas pela defesa da liberdade pode contar com o concurso, mais ou menos sincero, mais ou menos activo, com maiores ou menores restrições, de individualidades ou organismos que marcam em sectores diferentes.

Mas para esta ação, só com a força resultante da sua solidariedade dentro e por meio dos seus organismos sindicais pode contar.

Não cabe à C.G.T. averiguar as condições de cada indústria no plano nacional ou no local. Esse trabalho cabe especial e principalmente aos respectivos sindicatos. São os sindicatos que, conhecedores das respectivas condições de indústria, conhecem igualmente o modo como as regalias proletárias sobre salários têm sido cercadas, e são, portanto, os sindicatos que devem determinar o modo mais eficaz como poderão conseguir o retorno aos salários altos anteriores, como são ainda os sindicatos que poderão promover a ação necessária ao estabelecimento do horário de 6 horas, como condição necessária à cessação do desemprego.

Mas se cada sindicato pode, só por si e pelo que respeita à sua indústria, iniciar e persistir naquela ação, a circunstância de a luta ser lançada simultaneamente por todos os sindicatos imprime à ação um cunho de inata confiança, anima o esforço a disperder por todos e por cada um e forçar inevitavelmente o capitalismo a encolher as suas aduncações garras e a atender as justas reivindicações dos trabalhadores.

O 1.º de Maio de 1926 deve, pois, ser caracterizado como afirmação consciente de cada sindicato, em cada localidade e em todas as indústrias onde se observe a par do desemprego e da redução de salários a utilização de horas suplementares por parte dum reduzido número de operários, e de um modo geral por todos os organismos sindicais a afirmação reivindicadora do dia de 6 horas.

Nesta ordem de ideias a C.G.T. considera:

1º A reunião se imediatamente em assembleias gerais ou magnas para, pelas suas comissões administrativas ou por comissões especiais, elaborarem uma tabela de reclamações relativas às questões expressas no preâmbulo e a outras que entendam como necessárias;

2º Incluir nas reclamações muito especialmente o horário de 6 horas.

3º A promover no dia 1 de Maio, após a realização das manifestações gerais da massa proletária, ou, na impossibilidade, nos primeiros dias de Maio, novas assembleias onde sejam sancionadas as reclamações que lhes digam respeito;

4º A apresentar as mesmas imediatamente ao seu patronato, prosseguindo depois na luta, cujas condições os mesmos sindicatos hajam por nem determinar, até que as reclamações sejam satisfeitas.

B) As Federações de indústria:

1º A estimular e coordenar aquela ação de modo que a mesma possa dar os resultados desejados no mais curto prazo de tempo;

2º A comunicar com a C.G.T., por conduto dos seus delegados à respectiva Secção de Federações Confederal, por forma que este organismo, acompanhando toda a ação, possa orientar-se neste movimento, e dentro das atribuições que lhe estão cometidas, proceder em conformidade.

C) As Uniões ou Câmaras de Trabalho:

1º A promover a agitação constante e necessária na localidade e no seio de cada sindicato, procurando interessá-los neste movimento, que tendo um carácter particular a cada classe, é simultaneamente geral;

2º A esforçar-se por que o horário de 6 horas seja tomado como base de reclamação contra as crises e o desemprego.

3º A promover a solidariedade por parte das classes menos afectadas pela redução de salários, etc., para com aquelas que carecam dessa força.

Os sindicatos isolados tomarão também a seu cuidado as indicações supracitadas e procurarão agir do mesmo modo e com os mesmos objectivos.

A C.G.T., por si ou por conduto dos organismos centrais mais próximos, prestar-lhes há, como à restante organização sindical, o concurso que estiver dentro das suas possibilidades.

* * *

Este movimento não obsta à realização de outras manifestações usuais e inerentes à data do 1.º de Maio, nas quais as massas proletárias, afirmando o seu protesto veemente contra a truculência capitalista internacional, afirmem também, e altissimamente, o seu imprescindível direito à liberdade.

Lisboa, 15 de Abril de 1926.

A.C.G.T.

Notas & Comentários

A selva negra

Uma local que há dias A Batalha publicou relatando o nefando crime que o padre Joaquim do Carmo praticou na povoação de Turquel, do concelho de Alcobaça, desfazendo uma rapariga de 13 anos produziu profunda indignação nos nossos leitores. No concelho de Alcobaça provocou tão grande sensação que alguém a transcreveu integralmente em manifesto que foi profusamente distribuído naquela região. Também a Voz Sindical de Setúbal transcreveu a mesma «Séries Recuperáveis»...

Este movimento não obstante à realização de outras manifestações usuais e inerentes à data do 1.º de Maio, nas quais as massas proletárias, afirmando o seu protesto veemente contra a truculência capitalista internacional, afirmem também, e altissimamente, o seu imprescindível direito à liberdade.

Lisboa, 15 de Abril de 1926.

A C.G.T.

Depois da casa roubada...

E' fecha do português depois da casa roubada-tranca-se convenientemente a porta não só o ladrão repetir a proesa. O pior é que o ladrão entra pela janela e a casa torna a ser roubada. E' o mesmo que sucede com as medidas da polícia, imediatamente à prática de um crime. Tomam-se todas as precauções para se evitar a reincidência do crime, mas essa relíndicidade, implacável, surge quando menos se espera. Para evitar a repetição de crimes como o que vitimou a atriz Maria Alves o governador civil determinou que os «taxis» não possam circular sem que levem as lâmpadas acexas e as cortinas subidas. Gostaríamos que nos dissessem se se evitaria, com a medida tomada, a prática de um novo crime numa artaria mal iluminada e recôndita como a grande maioria das que existem a vila.

Este provado que as pequenas medidas de circunstância, já reclamadas ao Governo e às Câmaras Municipais sobre os melhoramentos de certos serviços públicos, e destinadas a atenuar os efeitos do chômage, não são tomadas em consideração alguma por aquelas entidades, por estarem presas aos interesses da campanha ou aos interesses das empresas capitalistas.

Nas lutas pela defesa da liberdade pode contar com o concurso, mais ou menos sincero, mais ou menos activo, com maiores ou menores restrições, de individualidades ou organismos que marcam em sectores diferentes.

Mas para esta ação, só com a força resultante da sua solidariedade dentro e por meio dos seus organismos sindicais pode contar.

Não cabe à C.G.T. averiguar as condições de cada indústria no plano nacional ou no local. Esse trabalho cabe especial e principalmente aos respectivos sindicatos. São os sindicatos que, conhecedores das respectivas condições de indústria, conhecem igualmente o modo como as regalias proletárias sobre salários têm sido cercadas, e são, portanto, os sindicatos que devem determinar o modo mais eficaz como poderão conseguir o retorno aos salários altos anteriores, como são ainda os sindicatos que poderão promover a ação necessária ao estabelecimento do horário de 6 horas, como condição necessária à cessação do desemprego.

Entretanto, a C.G.T. considera:

António Soares, um dos mais curiosos temperamentos de pintor moderno, inaugura hoje no Salão da Ilustração Portuguesa a sua exposição de pintura. Não faz convites especiais, limita-se por meio das notícias de imprensa a comunicar o facto ao público, de uma maneira geral, e à criatura das suas amizades.

A ação das Trade-Unions

LONDRES, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

A crise económica na Rússia

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

REVAL, 16.—A crise económica toma proporções assustadoras na Rússia e o governo teme não poder remediar a catástrofe antes das colheitas. Um grande número de estabelecimentos dos monopólios do Estado viram-se forçados a suspender o trabalho por falta de matérias primas. O Conselho dos Comissários do Povo deu ordem a que as delegações comerciais no estrangeiro para que não vendessem senão de contado a partir do dia 1 de Maio. — H.

Zinoviev preso na Rússia?

REVAL, 16.—O jornal «Polednia Ivestia» diz saber de fonte autorizada que Zinoviev e outros propagandistas das verdadeiras doutrinas de Lénine foram presos e encarcerados em Minsk, em consequência de termos feito recentemente uma violenta oposição contra o comunismo. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

As sementes de guerra de Marrocos

REVAL, 16.—O comité industrial do Congresso das Trade-Unions conferenciou com o sr. Baldwin a respeito da crise europeia. Os membros do referido comité conferenciaram depois com os membros do comité executivo da Federação dos Mineiros. — H.

A OBRA DUM ALTO COMISSÁRIO

Como Azevedo Coutinho castiga os funcionários cumpridores dos seus deveres e concede prémios aos que estão sob o peso das mais tremendas acusações

A Batalha ainda não historiou o que tem sido a perniciosa acção do Alto Comissário de Moçambique no que respeita à vida administrativa das circunscrições civis.

Há de fazê-lo, porém, com números à vista para fazer a prova cabal de que foi completamente desorganizada toda a vida do interior, lançando-se num pavoroso caos os serviços de assistência indígena e fomento, para se satisfazermos vaidades incompreensivas e doentios caprichos.

Hoje vamos focar um outro aspecto da acção dissidente de Azevedo Coutinho e do seu esbirro da secretaria do Interior, para se ver até que ponto estes irmãos gemenos na incompetência, na maladeza e na falta de senso moral, se atolam até as orelhas na vasa dos seus sentimentos em decomposição.

Dois administradores de circunscrição, o de Vilanculos, o de Imala, respectivamente dos distritos de Inhambane e Moçambique, foram, há menos dum ano, fortemente acusados do cometimento de actos gravíssimos.

A um deles imputam-se barbarismos e crimes, contra indígenas, até agora inéditos nos registos da criminalística, e essas acusações passaram pela secretaria dos serviços e negócios indígenas, instalada em Lourenço Marques.

Ao outro fizeram-se acusações de violências de toda a espécie, inclusive o abuso de menores de cér, com escenas barbarescas e escandalosas—do desvio de dinheiros, de favoritismos que ultrapassam todas as marcas com incalculáveis prejuízos para os pobres pretos.

Pois, porque estes dois administradores são protegidos por escoras da situação Azevedo Coutinho—em vez do necessário e moralizador castigo que era de esperar—foram premiados, isto é, transferidos por conveniência de serviço, para circunscrições melhores.

O primeiro passou da circunscrição mais insignificante do Distrito de Inhambane, para a de Maputo, uma das melhores do distrito de Lourenço Marques, a pouco mais de uma hora de caminho da capital da Província; ao segundo foi dado o prémio da melhor circunscrição do distrito de Quelimane.

Vem isso, para quem quiser ver, no «Boletim Oficial de Moçambique», de 6 de Março, mas vem nele também, para se fazer arrumação de dois funcionários ajuizados sob o peso das mais graves acusações—o castigo a dois funcionários distintos, que outrora crime não cometem, se não o de serem honestos e zelosos.

Assim, o antigo administrador da circunscrição de Maputo, homem cheio de serviços à colónia, o único funcionário da província que subiu ao 3.º grau do quadro administrativo por provas públicas e que já desempenhou, com distinção, os cargos de Intendente e Secretário dos Serviços e Negócios Indígenas—foi desterrado para Cumbana, uma das circunscrições mais pobres do distrito de Inhambane e certamente a mais deserta; e o administrador de Zavala, para dar o lugar ao que deixara vaga na melhor circunscrição de Quelimane—foi desterrado, apesar de ser um funcionário modelar, para a circunscrição de Vilanculos, não só a mais inferior do distrito de Inhambane, mas uma das mais inferiores de toda a colónia.

Mas era assim, no consulado de Vitor Hugo, o de pacotilha. Era assim invariavelmente. Os honestos, os zelosos, os distintos, eram perseguidos, contra eles se acumulava todo o ódio e todo o veneno governamental; pelo contrário, a crápula, a desvergona, só excepcionalmente não foram animadas, acarinhadas, repletas de benefícios.

Contra dois administradores fizeram-se, as mais graves, as mais tremendas acusações.

Admitindo mesmo que essas acusações, por cobardia duns, por benevolência outros, se não provaram, isso não seria motivo para prémio à custa do castigo infligido a funcionários sem mancha que nada haviam tido com tais acusações.

Os factos, porém, na sua eloquência natural e inconfundível, estão a provar a lixeira, a falta de moralidade, de escrupuloso e de justiça, em toda a obra política e administrativa de Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, espírito de demônio encarnado numa carcassa enfezada e raquítica de tuberculoso social.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantitativamente far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A Batalha.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1500; pelo correio, 1520; registado, 1550. Pedidos à administração de A Batalha.

SOCIEDADES DE RECREIO

S. F. Alunos de Apolo. —Hoje realiza-se baile até de madrugada.

Sociedade Filarmónica União Arrentelense. —Em homenagem ao Boa-Hora Foot-Ball Club de Lisboa realiza-se hoje, nesta agremiação, um certame de fados e exibições da cegada de Abel Pereira, «Centro Social».

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 29 desta revista instituída Maternidade, de Federação Montenegrina. —Preço, 50. —Pedidos à administração de A Batalha.

A Câmara Municipal de Coimbra descura os interesses dos municípios

A falta de água

COIMBRA, 15. —Começa a desenhar-se na parte alta do populoso bairro de Santa Clara a mesma falta de água que, nos anos anteriores, tem assoberbado, por esta época, os consumidores de água daquela área.

Há duas semanas, consecutivamente, que aqueles moradores se queixam da falta do precioso líquido, que, em certos dias, aparece sómente à noite, e outros, nem de dia nem de noite.

Todos os anos, no verão, o bairro de Santa Clara é atingido por uma crise total de água. No ano anterior, durante os meses de Maio, Junho e Julho—parcialmente—Agosto e Setembro—totalmente—manifestou-se ali a falta do indispensável líquido, levando este facto os moradores daquele bairro a formular várias reclamações aos Serviços Municipais, que prometeram providenciar com urgência, a fim de evitar futuras crises.

... O resultado de tais promessas é o que se está verificando com a repetição que começa a notar-se—do mesmo fenômeno dos anos pretéritos. A Câmara não tem sabido acutelar os interesses dos consumidores, sobre quem está habituada a exercer uma ignobil exploração—não sabendo manter o abastecimento regular da água e aparecendo, depois, a cobrar, indiferentemente, a importância do volume de água que a avença regista, mas que o consumidor não gasta.

Urge que a edilidade indígena cure, a sério, deste magnifico assunto, de primário interesse para os municípios, procurando prevenir, de qualquer modo e a tempo, a costumeira falta de água, que tantos dissabores acarreta para a vida doméstica, cujo curso altera por completo.

Da iluminação eléctrica

A iluminação eléctrica, como o fornecimento de água, está englobada nos Serviços Municipalizados.

Procuraram-nos alguns inquilinos da Vila Mendes—algum deles, com esta designação geral, situado na Estrada de Lisboa, em Santa Clara—para nos apresentarem as suas queixas contra algumas irregularidades dos Serviços Municipalizados, e pedir-nos que dêlas nos fizessemos eco.

Os moradores da Vila Mendes—num total de 12 famílias—vêm reclamando, há bastantes meses, dos Serviços Municipalizados o prolongamento da rede eléctrica até ali, o que se conseguiu com a colocação de mais três postes apenas.

Tal reclamação tem a justificá-la as disposições do Regulamento dos S. M., que prescrevem «que a energia eléctrica chegará até onde chegar a canalização da água».

Pois, a pesar das constantes reclamações neste sentido, formuladas algumas até pessoalmente ao vereador dos S. M., dr. Sanches Moraes, até hoje não foram ainda atendidas.

Isto sucede, não obstante a promessa de prolongamento da rede eléctrica até à Vila Mendes, feita pelo supramencionado vereador a alguns daqueles moradores, quando, por ocasião das últimas eleições camarárias, dêles andou solicitando que consentissem que de seus ombros fizesse escada que o guindasse aos altos lugares da governação municipal.

A existência na Vila Mendes de muitos inquilinos que, altas horas, regressam da cidade das suas ocupações nocturnas—empregados em cafés, na tracção eléctrica, etc.—faz sentir a falta da iluminação, que alguns inquilinos querem também instalar em suas habitações.

A rede de iluminação eléctrica ultrapassou já, em muitos pontos, a rede do fornecimento de água. Assim, foi já inaugurada a luz no lugar limítrofe das Lages e anuncia-se para breve a sua inauguração na freguesia de São Martinho e nas povoações de Bencanta, Casais e Bordalo. Sómente a Vila Mendes, a 50 metros do «terminus» da rede, caiu no desagrado ou indiferença da Câmara, que persiste em mante-las a margem da civilização, negando-lhe os benefícios.

Contra dois administradores fizeram-se, as mais graves, as mais tremendas acusações.

Admitindo mesmo que essas acusações, por cobardia duns, por benevolência outros, se não provaram, isso não seria motivo para prémio à custa do castigo infligido a funcionários sem mancha que nada haviam tido com tais acusações.

Os factos, porém, na sua eloquência natural e inconfundível, estão a provar a lixeira, a falta de moralidade, de escrupuloso e de justiça, em toda a obra política e administrativa de Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, espírito de demônio encarnado numa carcassa enfezada e raquítica de tuberculoso social.

Mais um grande feito da «briosa» em Coimbra

COIMBRA, 14. —Mais uma proesa a acrescentar à interminável e celeberrima história dos «briosos» mantenedores da Ordem.

Contemos: O operário carpinteiro José Simões Lula, no exercício da sua profissão, traballava, há dias, à entrada do campo de foot-ball quando sucedeu passar num eléctrico, pelo rumo Almeida Azevedo, o comandante da corporação da G. N. R. desta cidade, o maior sr. Mota.

Interrogando alguém o Lula sobre a identidade do oficial que passava, este, recordando velhos ressentimentos originados em qualquer agravio que havia sofrido por parte do comandante da G. N. R. em Coimbra, respondeu-lhe, abrindo o seu peito em acres comentários à individualidade do sr. Mota.

Os comentários, conjugando exprimindo a indignação do operário Lula, nada tinham de injurioso para o comandante da G. N. R.

Sucedeu, porém, passar um guarda-republicano, no momento em que o trabalhador Simões Lula fazia os seus comentários.

O referido guarda deu-se pressa em ir, correndo atrás do eléctrico, prevenir o dono.

Mas a tal ponto desvirtuou as palavras que ouviu, que o sr. Mota, cheio de indignação, apeou-se do carro eléctrico, aproximou-se do Lula e deu-lhe voz de prisão.

Entre protestos do operário, foi este conduzido—sabem para onde?—para o quartel da guarda republicana, onde o receberam com grilas e onde o mantiveram—infânia—pelo espaço de três dias, incomunicável.

No final, foi enviado ao tribunal, onde o mandaram em liberdade, com censuras ao procedimento ditatorial do sr. Mota.

Entre protestos do operário, foi este conduzido—sabem para onde?—para o quartel da guarda republicana, onde o receberam com grilas e onde o mantiveram—infânia—pelo espaço de três dias, incomunicável.

No final, foi enviado ao tribunal, onde o mandaram em liberdade, com censuras ao procedimento ditatorial do sr. Mota.

Não queremos fazer comentários. Aquelas comentários que estamôs farto de ler, em circunstâncias idênticas, aplique-os ao leitor. —C.

Francês SEM mestre por GONÇALVES PEREIRA i volume de 400 páginas 1500 Precio esc. 1650. Pedidos à administração de A Batalha.

SOCIEDADES DE RECREIO

S. F. Alunos de Apolo. —Hoje realiza-se baile até de madrugada.

Sociedade Filarmónica União Arrentelense. —Em homenagem ao Boa-Hora Foot-Ball Club de Lisboa realiza-se hoje, nesta agremiação, um certame de fados e exibições da cegada de Abel Pereira, «Centro Social».

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 29 desta revista instituída Maternidade, de Federação Montenegrina. —Preço, 50. —Pedidos à administração de A Batalha.

Teatro Nacional HOJE—às 21 horas em ponto

A linda peça de CHARLES MERÉ Tradução de JOSÉ SARMENTO PROTAGONISTA: Ester Leão Encenação do professor António Pinheiro

Instituto Policlínico da Estefânia Largo de D. Estefânia, 6, 1.º—Telef. N. 3435

CONSULTAS PARA AS CLASSESB POBRES

Horário clínico—Doutores: A. de Almeida Rocha—Clínica geral—às 14 horas. António de Carvalho—Sífilis—às 11 h. Berio de Moraes—Doenças das senhoras—às 13 1/2 h. Carlos Guerra—Clínica médica, doenças de coração e pulmão—às 18 h. Domingos Dias—Doenças da boca e dentes. Prof. Fernando Waddington—Raio X.

Horário clínico—Doutores: Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e figado—às 12 h. País Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h. José Salles Carreira—Doenças das crianças, ortopédico—às 10 h. Prof. Roberto Chaves—Andises clínicas. Teodomiro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 16 h.

A DANÇA DA MEIA NOITE

Horário clínico—Doutores: Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e figado—às 12 h. País Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h. José Salles Carreira—Doenças das crianças, ortopédico—às 10 h. Prof. Roberto Chaves—Andises clínicas. Teodomiro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 16 h.

Horário clínico—Doutores: Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e figado—às 12 h. País Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h. José Salles Carreira—Doenças das crianças, ortopédico—às 10 h. Prof. Roberto Chaves—Andises clínicas. Teodomiro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 16 h.

Horário clínico—Doutores: Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e figado—às 12 h. País Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h. José Salles Carreira—Doenças das crianças, ortopédico—às 10 h. Prof. Roberto Chaves—Andises clínicas. Teodomiro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 16 h.

Horário clínico—Doutores: Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e figado—às 12 h. País Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h. José Salles Carreira—Doenças das crianças, ortopédico—às 10 h. Prof. Roberto Chaves—Andises clínicas. Teodomiro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 16 h.

Horário clínico—Doutores: Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e figado—às 12 h. País Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h. José Salles Carreira—Doenças das crianças, ortopédico—às 10 h. Prof. Roberto Chaves—Andises clínicas. Teodomiro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 16 h.

Horário clínico—Doutores: Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e figado—às 12 h. País Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h. José Salles Carreira—Doenças das crianças, ortopédico—às 10 h. Prof. Roberto Chaves—Andises clínicas. Teodomiro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 16 h.

Horário clínico—Doutores: Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e figado—às 12 h. País Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h. José Salles Carreira—Doenças das crianças, ortopédico—às 10 h. Prof. Roberto Chaves—Andises clínicas. Teodomiro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 16 h.

Horário clínico—Doutores: Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e figado—às 12 h. País Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h. José Salles Carreira—Doenças das crianças, ortopédico—às 10 h. Prof. Roberto Chaves—Andises clínicas. Teodomiro Almeida de Carvalho—Cir

AGENDA

CALENDARIO DE ABRIL

D.	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26	Aparece às 5,58
T.	13	20	27	Desaparece às 19,15
Q.	14	21	28	
S.	15	22	29	FASES DA LUA
S.	16	23	30	1. C. dia 28 às 0,17 O.M. 8 a 20,50 L.N. 12 a 12,56 E.C. 19 a 23,25
S.	17	24		

MARES DE HOJE

Praiamar as 5,59 e às 6,20

Baixamar às 11,29 e às 11,50

CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		
Madrid, cheque	2880	
Paris, cheque	506	
Suica	3773	
Bruxelas cheque	73	
New-York	19855	
Amsterdão	7585	
Itália, cheque	79	
Brasil	2575	
Praga	585,5	
Suécia, cheque	524	
Austria, cheque	2576	
Berlim	4567	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

São Carlos.—A's 21,30—A Rosa dos Adoros.

Ricardo.—A's 21—A dança da meia noite.

S. B. L.—A's 21—Romance galante.

Trindade.—A's 21,30—A exilada.

Cinismo.—A's 21,30—O Aza.

Politeama.—A's 21,30—Uma.

Prensa.—A's 21,30—O Pão de Ló.

Maria Vitoria.—A's 21,30—Marie de Calvário.

Foot-Ball.—A's 21,30—Foot-Ball.

Teatro São João.—A's 0,15—Variedades

Cinco e Meio (à Graça)—Espectáculos às 3,45.

subdos e dossins com matinées.

Lendas Portuguesas—Todas as noites. Concertos 2 di-

versões.

CINEMAS

Tivoli—Ópera—Central—Condes—Chiado Ter-

rass—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança

—Tortoise—Cine Paris.

PEDRAS "METAL AUER"

PARA ISQUEIROS

VENDEM-SE NO LATTA, DO LARGO

DO CONDE BARAO, 55

Duzia \$40:100, 2580:100, 25\$00

Pedra grande, duzia, \$80.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS

PLANTAS, livro útil ás boas donas da

casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Pedidos á administração de A Batalha

Camisas para homem

Grande sortimento

A única casa que vende por estes preços

CAMISAS em bom pano branco c/peito/col. 2250;

Ditas em cretão aliciano col. 2250; Ditas em

Papel branco e crete col. 3500; Ditas em

Papel superior, cores finas, 4\$00.

Fábrica Paris-R. do Norte, 83, I.

Empresa de Trans de Aluguer

da Graça

Rua de São Gens (à Graça)

Telefone Norte 2042

Esta Empresa participa aos seus esti-

máveis clientes que, a partir do dia 1

de Abril, reduzirão os seus preços, es-

talecendo a tabela seguinte:

As duas primeiras horas 25\$00

Cada hora a mais... 10\$00

Serviços de TEATRO, te-

var e buscar... 15\$00

Serviços para fora de Lisboa preços

convenicionais.

LA NOVELA SOCIAL

É uma interessante publicação, em língua

espanhola, que se encontra á venda na nossa

administração, custando os sete números

já publicados 4\$50 e pelo correio, regis-

stro, 5\$30.

As novelas até agora aparecidas têm os

seguintes títulos:

Infantilida, por Joaquim Dicenta.

Vidas quiméricas, por Fructuoso Vidal.

Carne podrida, por Ramón Mogre.

El grumete, por Felipe Alois.

Schum íntimo, por Eduardo Sarjuán.

Locos, por Salvador Cerdón.

Las noches blancas, por Fedor Dostreyewski.

17-4-1926

—Muito bem! disse Coligny a Lanoue. Os esqua-

drões do príncipe não devem, segundo as minhas or-

dens, descobrir-se e dar carga senão no momento em

que as tropas reais, entusiasmadas na perseguição das

nossas, chegam ao pé da colina. E' de esperar que

obtenhamos um bom resultado.

—Sr. admirante, o sr. de la Rocheoucauld encar-

regava-me também de vos comunicar uma notícia im-

portante. Alguns prisioneiros realistas disseram-nos

que esta manhã a rainha e o sr. cardeal tinham vindo

juntar-se no campo ao sr. duque de Anjou...

O almirante, ao receber a notícia da chegada de

Catarina de Médicis, reflecte, aproxima-se da mesa,

escreve rapidamente algumas palavras, e entrega-as ao

oficial dizendo.

—Ide a toda a pressa levar esta ordem ao sr. de la

Rocheoucauld.

E dirigindo-se a Lanoue, enquanto o oficial saí

precipitadamente para cumprir as ordens de que foi

encarregado.

—A presença da rainha entre as tropas reais po-

derá sugerir ao sr. de Tavares a ideia de travar uma

luta decisiva... disse Coligny saindo do quarto. Vin-

de, meu amigo. Eu vou consultar os srs. príncipes de

Orange e de Nassau, antes de montar a cavalo.

Logo depois de ter chegado o enviado do sr. de la

Rocheoucauld á presença do almirante, Odelin e An-

tonicq tinham ido à pressa para casa, onde os es-

quadrões em que servia como cavaleiro voluntário.

Ana Bell, ficando só, sofreu mortais angústias. O

sr. de Coligny esteve quase a ser vítima tinha retar-

dado a sua entrevista com ela.

Odelin Lebrenn tinha estabelecido a sua oficina de

armeiro no andar terceiro duma casa de S. Yrieix, que

os habitantes tinham abandonado.

Frantz de Gerolstein ocupava com alguns fidalgos

e pagens uns quartos situados sobre a sala baixa, que

servia de morada a Odelin, a Antonicq e ao sapador,

tendo por cama para os três uma ligeira de palha co-

locada ao fundo da casa.

No quarto de Odelin, junto a uma alta chaminé

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas—4 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Fele e sifila—Dr. Correia Piqueiredo—II e III horas.
Doenças venosas, electroterapia—Dr. R. Loti—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Gengiva, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estomago, intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva—12 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Ribeiro—9 horas.
Eco e dentes—Dr. Armando Lima—11 horas.
Cirurgia e radio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raio X—Dr. Alvaro Saldanha—4 horas.
Analgesia—Dr. Gabriele Beato—4 horas.A GRANDE BAIXA
DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%
NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIAsapatos para senhora...
sapatos em verniz...
botas pretas (grande saído)...
botas brancas (saído)...
grande saído de botas...
botas para homem...Não confundir a SOCIAL OPERARIA com
outras casas.
Vá bem, pois só lá encontrará baratas,
a SOCIAL OPERARIA e na rua dos Cavaleiros,
18-20, com Filial na mesma rua, n.º 60.FÁBRICA
cadrilhos, moscas, azulejos, cimento
GOARMON & C.
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
—TELEF. C. 1244—LISBOA—REBUÇADOS PEITORAIS
Dr. Centazzios melhores para a tosse,
catarros e bronquites.
livres de essências artificiais

Cuidado com as imitações

Pedir em toda a parte

nas casas que mereçam confiança para
evitar misturas de outros rebuçados,
com o papel imitando o nosso.Companhia dos Caminhos de Ferro
PortuguesesDIVISÃO DO MATERIAL E TRACÇÃO
Concurso para venda de apara-

de madeira

A Companhia dos Caminhos de Ferro
Portugueses aceita até ao dia 24 de corrente
propostas para a venda das apara-

de madeira produzidas nas suas oficinas.

As condições para este concurso estão

patentes na Repartição dos Armazéns da

Divisão do Material e Tracção todos os

dias úteis, das 10 às 13 e das 15 às 18 horas.

Lisboa, 8 de abril de 1926.—O Director

Geral da Companhia, (a) Ferreira de Mes-

quita.

CONSULTAS MÉDICAS
PARA AS CLASSESB
POBRES

Todos os dias, às 7 horas da tarde

FARMÁCIA SIMÕES

Rua Infante D. Henrique, 54
(a São Tomé)

Calcada de Santo António, 16

1926

A BATALHA

CARTA DO PORTO

Enquanto os divisionistas se transformaram em grilos da fábula, a organização cégética triunfa

O pensamento que sempre animou a campanha do divisionismo da organização operária, foi o de cada facção derrotista poder conquistar para as suas conveniências partidárias tódas as colectividades desmembradas pela propaganda defecista.

Socialistas e comunistas, aparentemente aliados no desdobramento dos sindicatos, guerreiam-se, contudo, na posse hegémónica dos transviados da orientação cégética.

Quando os socialistas e comunistas se conluiam, com a coadjução dos conservadores, para a conquista eleitoral da União dos Empregados no Comércio do Porto, foi para transformar esta colectividade num centro político. Quem melhor tinham tivesse, melhor tocaria guitarra, isto é: depois da vitória sobre os partidários da acção directa, da quebradeira de vidros, do lançamento de bombas—como elas públicamente insinuavam—cada um faria todo o possível por adoptar a União aos seus interesses partidários, tendo-se sempre em vista a necessidade absoluta de se destruir a característica anarquista da dita União, de se lhe «barbear», bem escanhoadamente, tódia a direcção que tivesse qualquer semelhança com os princípios básicos da central portuguesa...

Tudo, inclusivé conservadores, menos anarquistas ou sindicalistas-liberários...

O gado saiu-lhes mosquito e os divisionistas, arreliados, fundaram, entre imprecações à C. G. T., a pinópamea associação da Fénix Portuense.

Os que os divisionistas não conseguiram fazer da União dos Empregados no Comércio do Porto, pensaram efectuá-la naquela colectividade. Os socialistas esforçaram-se por papá-la. Os partidários da «Vermeia» por comé-la. Isto é: os primeiros suportaram levá-la para o partido, engrossando-lhe o poder numérico da votação; os segundos tinham grandes esperanças de encaixá-la na nova central derrotista em «preparação»...

Afinal, os políticos grilos da Patagónia devoraram-se, que é como quem diz: ludibriaram-se, mas perderam a partida. Na defecista Fénix criada pelos divisionistas, triunfaram os «fascistas» da classe dos empregados no comércio do Porto. Numa recente reunião, ficou regeitada a adesão à irrisória conferência dos sindicatos fora da C. G. T. Nem C. G. T. nem a «central» dos partidários vermelhos. E para corolário desta altitude interessante, foi também resolvido que a Fénix jamais siga o princípio da luta de classes ou qualquer iniciação política. A característica, pois, da Fénix, é absolutamente de um clube recreativo, como a têve em tempos uma outra associação de empregados no comércio e indústria, que morreu desastradamente e ao abandono. A sua característica é profundamente colaboracionista, misturando-se, como já se mistura, exploradores com explorados no mesmo brólio dos divertimentos do Clube da Fénix...

Assim, não admira que, a quando da inauguração «benzedela» da bandeira daquela «desportista» colectividade, as suas salas estivessem «bonitas» com a galharda presença das mais gradas autoridades civis e militares... que discursaram ao bom caminho conservador, «fascístico», da boa rapaziada...

Eis no que deu, na classe dos empregados no comércio do Porto, a propaganda divisionista dos irmãos marxistas: querendo papar, ficaram papados...

* * *

Mas o que se dá naquela colectividade reaccionária, está-se também a dar coisa parecida nas Artes Malabares dos metalúrgicos derrotistas. A história da metalúrgica instituição dos «malabaristas» do divisionismo, também não é de todo do dessemelhante à história da anterior.

Os divisionistas, na impossibilidade de dominarem no Sindicato Único Metalúrgico, arrastando-o para as suas reduzidas clientelas de campanário, lançaram-se, por toda a parte, numa fúria propagandista, procurando estabelecer o maior número de desdobramentos possíveis...

Fundaram, para espalhar a confusão nas fileiras metalúrgicas, a tal Associação das Artes «Malabares» (Metalúrgicas), contando com um insignificante número de «desertores», de foragidos, do S. U. M. Aqui igualmente os comunistas e socialistas têm andado à porfia... Mas—ó azar dos azares!—aqui também os da «vermelha» acabaram de sofrer um revés: As «Artes Malabares» resolveram, como a Fenix, não aderir, já que estão fora da C. G. T., à conferência constitutiva da falada central divisionista. Nada de centrais...

E assim os partidários da I. S. V., apesar dos seus choramingados protestos, da sua maldita surpresa, ficaram «traidos» pelas influências socialistas... que não foram no bote dos comunistas...

Como vêem, duas vitórias retumbantes dos divisionistas... em catarrice reciproca...

Enquanto os «malabaristas» recorrem à polícia para que esta obrigue o Sindicato Único Metalúrgico a dar-lhes haveres que não lhes pertencem, vistos os documentos serem muito claros na fusão das antigas associações que deram origem legal ao dito Sindicato Único Metalúrgico—este vai, a olhos vistos, reforçando os seus efectivos, robustecendo a sua esfera de ação.

Os divisionistas, das artes malabares, querendo entraquecer, matando-o, o Sindicato Único Metalúrgico, só vieram contribuir para o revigorizar, dando-lhe muitíssima mais vida. Assim se justifica o rifião: «há maiores que vêm por bens».

A saída dos «errotistas» só veio arejar o S. U. M., tonificando-lhe o ambiente...

— Não se convencerão os defecistas da sua triste obra verdadeiramente contraprodutiva para os seus desígnios e de salutar e proveitoso! incitamento para o desespero das energias adormecidas que agora estão, excentemente, a impulsivar o guerreado, mas não vencido, S. U. M. P.?

Pois continuem... que andam a fazê-la bonita...

C. V. S.

O CONSULADO DE NORTON

A perseguição aos jornais e aos jornalistas

ton de Matos fechar as portas do jornal *A Verdade* deportando os diretores?

Porquê, e com que direito, ordenou o encerramento da redacção de *O Angolense*, mandando meter o director na Fortaleza de São Miguel, num imundo calabouço?

Com que fundamentos deportou para Cabinda chefes de família, cidadãos honestos e trabalhadores, onde os teve tempo esquecido?

Como se defende, que alega por ter roubado o pão e reduzido à mais deprimente e lamentável miséria, as famílias dos deportados, homens alheios a toda a espécie de política, vítimas dum plano diabólico para infundir respeito e horror a europeus e natos?

Porque foram metidos inúmeros operários, pretos, na velha Fortaleza de Loanda?

Por se terem revoltado contra a infame exploração daqueles que enriquecem a costa da miséria e da fome dos trabalhadores, por terem feito greve?

Não foram esses homens a Loanda, dirigindo-se às entidades oficiais competentes, suas pseudo protetoras, a quem formularam suas queixas, manifestando a sua indignação e revolta, fazendo sentir a sua indignação, pedindo justiça?

E que justifica que Norton de Matos a essa legião de trabalhadores, que metendo-se no comboio de Catete se dirigiram a Loanda para se queixar dos patrões, que os obrigavam a trabalhar, de acordo com a autoridade, por um salário tão insignificante que lhes não dava nem para se alimentarem de fuba?

Que providências deram aos escravizados, que souberam dar um grande exemplo de disciplina, dirigindo-se às autoridades, confiados em que elas lhes fizessem justiça?

Revoltaram-se em Catete, cometendo lá, pelo caminho ou em Loanda, quaisquer actos criminosos?

Não!

Então porque os mandaram para a Fortaleza, onde os obrigaram, enquanto lá estiveram, todos os dias e a todas as horas, a transportar areia, lenha e pedra, fazendo deles burros de carga?

E assim que se faz justiça, é procedendo assim que se civilizam os povos inicuas, que se capta a sua simplicidade e chamam ao trabalho, ao campo do cumprimento dos seus deveres como cidadãos, como trabalhadores?

A quem caberia a responsabilidade, se dentes alguma aparecesse que atentasse contra o Curador dos Negócios Indígenas—que pagaria pelo *Senhor Absoluto*—e se todos eles no regresso à terra da sua natividade cometesssem actos de violência contra os causadores da sua fome?

Porque motivo, ao abrigo de que lei, escondido em que direito, mandou Norton de Matos dissolver a Liga Angolana, ordenando o encerramento das portas?

E depois de tudo isto tem o descarramento de aparecer com o célebre decreto 40 dispensando protecção ao nativo!

Depois de ter rasgado todas as leis, escondido na Constituição, espinhoso dos direitos dos escravizados em tudo e por tudo e todos; depois de permitir que lhes roubam a própria vida, como veremos, vem com o decreto filantrópico, cheio de protecção à raça escrava, cheio de piedade democrática!

É o pago, a recompensa que deu, o testemunho de gratidão a quem o recebeu em sua casa, lhe deu hospedagem, a quem lhe confiou o governo da casa, lhe conferiu poderes para governar o seu arbitrio, lhe pagou, lhe deu todo o ouro, lhe entregou a fonte dos filhos—lhe deu Angola, lar e pais daqueles a quem fechou as portas, por na sua porta.

Porque, e com que direito, mandou Norton de Matos a essa legião de trabalhadores, que se rendesse a maior homenagem, se dissesse parte, pelo menos, do muito que havia a esperar da ação governativa do recente-chegado ao *Continente do Sacrifício*, onde levava o grande amor pela Pátria e a intensidade que o acompanhava por saber que Angola era habitada por tantos milhões de africanos que viviam na maior miséria, poluções de verdadeiros escravos sacrificados, pela sua falta de cultura intelectual, à ganância fraticida dos mais poderosos—da raça culta, dos civilizadores...

Não, não podia, porque todos os jornais disputaram a primazia na apresentação da chave das suas portas.

Foi o pago, a recompensa que deu, o testemunho de gratidão a quem o recebeu em sua casa, lhe deu hospedagem, a quem lhe confiou o governo da casa, lhe conferiu poderes para governar o seu arbitrio, lhe pagou, lhe deu todo o ouro, lhe entregou a fonte dos filhos—lhe deu Angola, lar e pais daqueles a quem fechou as portas, por na sua porta.

Porque, e com que direito, mandou Norton de Matos a essa legião de trabalhadores, que se rendesse a maior homenagem, se dissesse parte, pelo menos, do muito que havia a esperar da ação governativa do recente-chegado ao *Continente do Sacrifício*, onde levava o grande amor pela Pátria e a intensidade que o acompanhava por saber que Angola era habitada por tantos milhões de africanos que viviam na maior miséria, poluções de verdadeiros escravos sacrificados, pela sua falta de cultura intelectual, à ganância fraticida dos mais poderosos—da raça culta, dos civilizadores...

Não, não podia, porque todos os jornais disputaram a primazia na apresentação da chave das suas portas.

Foi o pago, a recompensa que deu, o testemunho de gratidão a quem o recebeu em sua casa, lhe deu hospedagem, a quem lhe confiou o governo da casa, lhe conferiu poderes para governar o seu arbitrio, lhe pagou, lhe deu todo o ouro, lhe entregou a fonte dos filhos—lhe deu Angola, lar e pais daqueles a quem fechou as portas, por na sua porta.

Porque, e com que direito, mandou Norton de Matos a essa legião de trabalhadores, que se rendesse a maior homenagem, se dissesse parte, pelo menos, do muito que havia a esperar da ação governativa do recente-chegado ao *Continente do Sacrifício*, onde levava o grande amor pela Pátria e a intensidade que o acompanhava por saber que Angola era habitada por tantos milhões de africanos que viviam na maior miséria, poluções de verdadeiros escravos sacrificados, pela sua falta de cultura intelectual, à ganância fraticida dos mais poderosos—da raça culta, dos civilizadores...

Não, não podia, porque todos os jornais disputaram a primazia na apresentação da chave das suas portas.

Foi o pago, a recompensa que deu, o testemunho de gratidão a quem o recebeu em sua casa, lhe deu hospedagem, a quem lhe confiou o governo da casa, lhe conferiu poderes para governar o seu arbitrio, lhe pagou, lhe deu todo o ouro, lhe entregou a fonte dos filhos—lhe deu Angola, lar e pais daqueles a quem fechou as portas, por na sua porta.

Porque, e com que direito, mandou Norton de Matos a essa legião de trabalhadores, que se rendesse a maior homenagem, se dissesse parte, pelo menos, do muito que havia a esperar da ação governativa do recente-chegado ao *Continente do Sacrifício*, onde levava o grande amor pela Pátria e a intensidade que o acompanhava por saber que Angola era habitada por tantos milhões de africanos que viviam na maior miséria, poluções de verdadeiros escravos sacrificados, pela sua falta de cultura intelectual, à ganância fraticida dos mais poderosos—da raça culta, dos civilizadores...

Não, não podia, porque todos os jornais disputaram a primazia na apresentação da chave das suas portas.

Foi o pago, a recompensa que deu, o testemunho de gratidão a quem o recebeu em sua casa, lhe deu hospedagem, a quem lhe confiou o governo da casa, lhe conferiu poderes para governar o seu arbitrio, lhe pagou, lhe deu todo o ouro, lhe entregou a fonte dos filhos—lhe deu Angola, lar e pais daqueles a quem fechou as portas, por na sua porta.

Porque, e com que direito, mandou Norton de Matos a essa legião de trabalhadores, que se rendesse a maior homenagem, se dissesse parte, pelo menos, do muito que havia a esperar da ação governativa do recente-chegado ao *Continente do Sacrifício*, onde levava o grande amor pela Pátria e a intensidade que o acompanhava por saber que Angola era habitada por tantos milhões de africanos que viviam na maior miséria, poluções de verdadeiros escravos sacrificados, pela sua falta de cultura intelectual, à ganância fraticida dos mais poderosos—da raça culta, dos civilizadores...

Não, não podia, porque todos os jornais disputaram a primazia na apresentação da chave das suas portas.

Foi o pago, a recompensa que deu, o testemunho de gratidão a quem o recebeu em sua casa, lhe deu hospedagem, a quem lhe confiou o governo da casa, lhe conferiu poderes para governar o seu arbitrio, lhe pagou, lhe deu todo o ouro, lhe entregou a fonte dos filhos—lhe deu Angola, lar e pais daqueles a quem fechou as portas, por na sua porta.

Porque, e com que direito, mandou Norton de Matos a essa legião de trabalhadores, que se rendesse a maior homenagem, se dissesse parte, pelo menos, do muito que havia a esperar da ação governativa do recente-chegado ao *Continente do Sacrifício*, onde levava o grande amor pela Pátria e a intensidade que o acompanhava por saber que Angola era habitada por tantos milhões de africanos que viviam na maior miséria, poluções de verdadeiros escravos sacrificados, pela sua falta de cultura intelectual, à ganância fraticida dos mais poderosos—da raça culta, dos civilizadores...

Não, não podia, porque todos os jornais disputaram a primazia na apresentação da chave das suas portas.

Foi o pago, a recompensa que deu, o testemunho de gratidão a quem o recebeu em sua casa, lhe deu hospedagem, a quem lhe confiou o governo da casa, lhe conferiu poderes para governar o seu arbitrio, lhe pagou, lhe deu todo o ouro, lhe entregou a fonte dos filhos—lhe deu Angola, lar e pais daqueles a quem fechou as portas, por na sua porta.

Porque, e com que direito, mandou Norton de Matos a essa legião de trabalhadores, que se rendesse a maior homenagem, se dissesse parte, pelo menos, do muito que havia a esperar da ação governativa do recente-chegado ao *Continente do Sacrifício*, onde levava o grande amor pela Pátria e a intensidade que o acompanhava por saber que Angola era habitada por tantos milhões de africanos que viviam na maior miséria, poluções de verdadeiros escravos sacrificados, pela sua falta de cultura intelectual, à ganância fraticida dos mais poderosos—da raça culta, dos civilizadores...

Não, não podia, porque todos os jornais disputaram a primazia na apresentação da chave das suas portas.

Foi o pago, a recompensa que deu, o testemunho de gratidão a quem o recebeu em sua casa, lhe deu hospedagem, a quem lhe confiou o governo da casa, lhe conferiu poderes para governar o seu arbitrio, lhe pagou, lhe deu todo o ouro, lhe entregou a fonte dos filhos—lhe deu Angola, lar e pais daqueles a quem fechou as portas, por na sua porta.

Porque, e com que direito, mandou Norton de Matos a essa legião de trabalhadores, que se rendesse a maior homenagem, se dissesse parte, pelo menos, do muito que havia a esperar da ação governativa do recente-chegado ao *Continente do Sacrifício*, onde levava o grande amor pela Pátria e a intensidade que o acompanhava por saber que Angola era habitada por tantos milhões de africanos que viviam na maior miséria, poluções de verdadeiros escravos sacrificados, pela sua falta de cultura intelectual, à ganância fraticida dos mais poderosos—da raça culta, dos civilizadores...

Não, não podia, porque todos os jornais disputaram a primazia na apresentação da chave das suas portas.

Foi o pago, a recompensa que deu, o testemunho de gratidão a quem o recebeu em sua casa, lhe deu hospedagem, a quem lhe confiou o governo da casa, lhe conferiu poderes para governar o seu arbitrio, lhe pagou, lhe deu todo o ouro, lhe entregou a fonte dos filhos—lhe deu Angola, lar e pais daqueles a quem fechou as portas, por na sua porta.

Porque, e com que direito, mandou Norton de Matos a essa legião de trabalhadores, que se rendesse a maior homenagem, se dissesse parte, pelo menos, do muito que havia a esperar da ação governativa do recente-chegado ao *Continente do Sacrifício*, onde levava o grande amor pela Pátria e a intensidade que o acompanhava por saber que Angola era habitada por tantos milhões de africanos que viviam na maior miséria, poluções de verdadeiros escravos sacrificados, pela sua falta de cultura intelectual, à ganância fraticida dos mais poderosos—da raça culta, dos civilizadores...

Não, não podia, porque todos os jornais disputaram a primazia na apresentação da chave das suas portas.

Foi o pago, a recompensa que deu, o testemunho de gratidão a quem o recebeu em sua casa, lhe deu hospedagem, a quem lhe confiou o governo da casa, lhe conferiu poderes para governar o seu arbitrio, lhe pagou, lhe deu todo o ouro, lhe entregou a fonte dos filhos—lhe deu Angola, lar e pais daqueles a quem fechou as portas, por na sua porta.

Porque, e com que direito, mandou Norton de Matos a essa legião de trabalhadores, que se rendesse a maior homenagem, se dissesse parte, pelo menos, do muito que havia a esperar da ação governativa do recente-chegado ao *Continente do Sacrifício*, onde levava o grande amor pela Pátria e a intensidade que o acompanhava por saber que Angola era